

OS ESTRANGEIROS (2012), DE MARCONI LEAL: A FORMAÇÃO DO LEITOR LITERÁRIO CONSCIENTE - ENTRE A HISTÓRIA E A LITERATURA

OS ESTRANGEIROS (2012), BY MARCONI LEAL: THE FORMATION OF THE CONSCIOUS LITERARY READER - BETWEEN HISTORY AND LITERATURE

Recebido: 15/05/2022

Aprovado: 30/06/2022

Publicado: 28/07/2022

DOI: 10.18817/rlj.v6i1.2814

Fernanda Sacomori Candido Pedro¹

Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0001-6810-9895>

Gilmei Francisco Fleck²

Orcid ID: <https://orcid.org/0000-4228-2566>

Vilson Pruzak dos Santos³

Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0003-0753-4008>

Resumo: A formação do leitor literário é um assunto muito debatido ao longo dos últimos anos pelas academias e instituições de ensino. Diante disso, buscamos, neste texto, apresentar uma possibilidade de leitura a partir de uma narrativa híbrida de história e ficção infantil/juvenil, a qual concebemos como crítica/mediadora, visto que o texto literário, que aqui apresentamos, objetiva aproximar a história hegemônica oficial da ficção e promover uma reflexão sobre o passado – neste caso, a inserção dos jesuítas e o processo de catequização dos povos indígenas no período da colonização do Brasil. Para isso, ancoramo-nos, como base teórica, no percurso da literatura infantil/juvenil brasileira apresentado por Coelho (2010), bem como na teoria sobre o romance histórico contemporâneo de mediação, proposta por Fleck (2017), entre outros pressupostos teóricos. Ainda, como proposta de leitura e análise, optamos pela abordagem à obra *Os estrangeiros* (2012), de Marconi Leal, a qual, compreendemos, ser uma narrativa crítica/mediadora capaz de ressignificar o passado. Como resultado desta reflexão, constatamos que a literatura híbrida de história e ficção infantil e juvenil é uma possibilidade viável para a formação de leitores conscientes, pois, ao comparar textos ficcionais aos históricos, o leitor é capaz de estabelecer relações entre esses discursos e refletir sobre a intenção escritural de cada um deles, promovendo, assim, um olhar mais consciente sobre o passado.

Palavras-chave: Formação do leitor literário; Leitor consciente; Narrativa híbrida infantil e juvenil brasileira; Ressignificação do passado pela literatura; *Os estrangeiros*.

¹ Mestra em Letras pelo Mestrado profissional em Letras (Profletras), pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná – Unioeste. Doutoranda em Letras pela Universidade do Oeste do Paraná – Unioeste (2020-2024). Integrante do Grupo de Pesquisa “Resignificações do passado na América: processos de leitura, escrita e tradução de gêneros híbridos de história e ficção – vias para a descolonização”. E-mail: fernanda.sacomori@escola.pr.gov.br

² Pós-doutor em Literatura Comparada e Tradução, pela Universidade de Vigo-UVigo-Espanha, com Bolsa da CAPES. Professor de Literaturas Hispânicas e Cultura Hispânica na graduação em Letras da Unioeste, campus de Cascavel-PR. Líder do Grupo de Pesquisa “Resignificações do passado na América: processos de leitura, escrita e tradução de gêneros híbridos de história e ficção – vias para a descolonização”. E-mail: chicofleck@yahoo.com.br

³ Mestre em Letras pelo Mestrado profissional em Letras (Profletras) pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná – Unioeste. Doutorando em Letras pela Universidade do Oeste do Paraná – Unioeste (2020-2024). Integrante do Grupo de Pesquisa “Resignificações do passado na América: processos de leitura, escrita e tradução de gêneros híbridos de história e ficção – vias para a descolonização”. E-mail: vilsonpruzaksantos@gmail.com

Abstract: The formation of the literary reader is a subject much debated over the last years by academies and educational institutions. In view of this, we seek, in this text, to present some reading possibility based on a hybrid narrative of history and children's/juvenile fiction, which we conceive as critical/mediating, since the literary text, which we present here, aims to approach the hegemonic official history of fiction and promote some reflections on the past - in this case, the insertion of the Jesuits and the process of catechization of indigenous peoples in the colonization period of Brazil. For this, we anchor ourselves, as a theoretical basis, in the path of Brazilian children's/juvenile literature presented by Coelho (2010), as well as in the theory about the contemporary historical novel of mediation, proposed by Fleck (2017), among other theoretical assumptions. Also, as some reading and analysis proposal, we chose to approach the work *Os estrangeiros* (2012), by Marconi Leal, which, we understand, is a critical/mediating narrative capable of resignifying the past. As a result of this reflection, we found that the hybrid literature of history and fiction for children and teenagers is a viable possibility for the formation of conscious readers, because by comparing fictional texts to historical ones, the reader is able to establish relationships between these discourses and reflect on the scriptural intention of each of them, thus promoting a more conscious look at the past.

Keywords: Formation of the literary reader; Conscious reader; Hybrid Brazilian children's and teenage narrative; Resignification of the past through literature; *The strangers* (2012).

Considerações iniciais

A literatura infantil e juvenil brasileira, por muito tempo, esteve amalgamada à ideologia moralizante, advinda das obras inaugurais do francês Charles Perrault (1628-1703), pela compilação que esse fez de narrativas orais medievais europeias, adaptando-as, à época, ao público infantil e juvenil. Assim, somente nos anos de 1921, com a publicação da obra *A menina do nariz arrebitado*, de Monteiro Lobato, emergiu, no contexto nacional brasileiro, uma possibilidade de leitura voltada à nossa realidade e plena de imaginação e fantasia para nossos jovens e crianças. Lobato (1882-1948), por meio de suas obras – *O saci* (1921); *Reinações de Narizinho* (1931); *Memórias da Emília* (1936); *Histórias de Tia Nastácia* (1937); *O Picapau amarelo* (1939); *A chave do tamanho* (1942); entre inúmeras outras –, promoveu uma explosão de criatividade, imaginação e fantasia no contexto das escritas para jovens leitores no Brasil. Isso contribuiu para que, mais tarde, outros autores pudessem, também, extrapolar o real e se afastar do didatismo instituído pelas obras de Perrault no universo da literatura para jovens leitores, cujo objetivo primordial era adequar a criança aos padrões morais, religiosos e éticos da sociedade burguesa do século XVII da qual ele fazia parte.

Seguindo o movimento de transformações da literatura infantil e juvenil na Europa e na América – instaurado, segundo Cadermatori (2010, p. 39-40), por escritores e obras como: o inglês Lewis Carroll (1832-1898) (*Alice no país das maravilhas*); o escocês James Barrie (1860-1937) (*Peter Pan*) e, no cenário da América, o estadunidense Frank Baum (1856-1919) (*O mágico de Oz*) – observamos que, com o *boom* da literatura latino-americana, décadas de 1960 e 1970, e,

consecutivamente, o *pós-boom*, de 1980 a nossos dias, a arte literária brasileira voltada aos jovens e às crianças alcançou uma ascensão quali/quantitativa bastante significativa. Com isso, muitas narrativas – fantásticas; realistas; e híbridas –, foram produzidas e lançadas no cenário nacional, em especial por meio da Série Vaga-Lume, a qual conseguiu adentrar as instituições educacionais, fazendo parte da formação leitora de uma boa parcela da sociedade brasileira entre as décadas de 1970 a 1990.

Já, com o advento do século XXI, conforme aponta a pesquisadora Nelly Novaes Coelho (2010), a literatura infantil e juvenil brasileira, sob a influência dos movimentos anteriores, continuou sua ascensão, trazendo muitas possibilidades narrativas e, assim, sinalizando, nessa diversidade literária, a vertente híbrida como uma das potencialidades na produção literária destinada aos jovens e às crianças. Seguindo essa perspectiva, buscamos, neste artigo, apontar para uma possibilidade de leitura híbrida crítica por meio de uma abordagem à obra *Os estrangeiros* (2012), de Marconi Leal.

Objetivamos, ainda, promover, com a leitura e análise da obra de Leal (2012), a formação de um leitor consciente, ou seja, de um sujeito capaz de compreender que a linguagem é um material manipulável na construção de discursos sobre o passado, processo presente nos textos, sejam eles oficiais, corroborados pela historiografia tradicional, ou ficcionais, criados e imaginados pela arte que, também, busca as suas vias de tornar o passado inteligível no presente.

A narrativa híbrida de história e ficção infantil e juvenil no Brasil: uma proposta de leitura para a formação do leitor literário

Durante o período de instauração, constituição e consolidação de uma literatura infantil e juvenil brasileira com traços mais nacionais, na qual se objetivava atrair a atenção dos leitores brasileiros (crianças e jovens) e com eles dialogar – em especial a partir do início do século XX –, constatamos que essa não foi uma tarefa fácil, visto que as características da literatura didatizante, moralizante e instrucional de cunho europeu faziam-se muito presentes nas traduções, adaptações e, até mesmo, em produções nacionais.

Desse modo, em meio ao emaranhado de narrativas que foram produzidas no Brasil entre os séculos XX e XXI, verificamos, segundo Coelho (2010), que três

vertentes se destacam nesse cenário: a fantástica, a realista e a híbrida. Dentre elas, focamos na última, sobre a qual efetuamos nossos estudos acadêmicos neste momento. Acreditamos ser essa uma linha de estudo que merece seu devido reconhecimento, pois ela permite que o leitor literário infantil e juvenil possa reler o passado por meio da ficção, inferindo e preenchendo as lacunas deixadas pela historiografia tradicional.

Esse confronto, gradativamente, leva o leitor a compreender a manipulação discursiva na elaboração dos discursos histórico e literário. Essa prática é a que forma, em nossa concepção, aquilo que concebemos como “leitor consciente”: um sujeito que, pela prática leitora também de textos híbridos de história e ficção, seja capaz de notar, reconhecer e diferenciar os processos discursivos que se valem da linguagem para se expressar sobre o que o passado possa ter sido.

Diante disso, a seguir, apresentamos uma proposta de leitura e de análise da obra *Os estrangeiros* (2012), de Marconi Leal. Entendemos que, com essa narrativa híbrida juvenil, o leitor pode extrapolar seu horizonte de expectativa sobre o processo de colonização e catequização dos povos indígenas e refletir sobre o nosso passado de forma mais ativa, visto que o texto – literário ou histórico – possui “uma estrutura esquemática, concebida de indicações e pontos de indeterminação e vazios [...] o receptor precisa ser um elemento ativo no processo da leitura, para decodificar sinais, fazer escolhas e preencher lacunas.” (TURCHI; SILVA, 2006, p. 36). Ao fazer isso, o leitor juvenil avança em seu processo formativo e, passo a passo, torna-se um leitor consciente, uma vez que seu processo de leitura seja mediado pelo professor/leitor mais experiente.

***Os estrangeiros* (2012), de Marconi Leal: uma possibilidade de releitura do passado pela ficção juvenil**

O relato de Marconi Leal, em *Os estrangeiros* (2012), apresenta, a partir da perspectiva de três irmãos indígenas – Anhana, Nauru e Saru –, o encontro, não livre de conflitos, das diferentes culturas que passaram a conviver nas terras brasileiras após a chegada dos portugueses em 1500. O título da obra, expõe ao leitor, de imediato, a perspectiva de narração adotada pelo autor da obra – crítica em relação a história hegemônica – ou seja, a do olhar daquele que era nativo do lugar, pois quem fixa o “outro” como “estrangeiro” é aquele que pertence ao lugar desde onde se enuncia. A lexia “estrangeiros” refere-se a sujeitos oriundos de outras nações que, na

diegese, são os padres jesuítas e os bandeirantes, representantes da coroa portuguesa no processo de colonização. Desse modo esses são, na obra, os cidadãos pertencentes a outro lugar, portanto os estrangeiros aos que se refere o autor.

Segundo o relato do narrador, depois de terem a aldeia em que viviam destruída por homens brancos, os três irmãos protagonistas do relato, pertencentes a tribo Eçaraias⁴, fugiram para a floresta e receberam a ajuda de um homem que prometeu levá-los ao encontro da família. No entanto, eles acabaram prisioneiros em um acampamento jesuíta. Nesse lugar eram obrigados a trabalhar, aprender a língua dos brancos e a comungar das mesmas crenças que esses “estrangeiros”.

A obra, de 127 páginas, apresenta um eixo narrativo único, na qual atua um narrador em nível extradiegético⁵ – fora da diegese – (GENETTE s/d), e em forma de uma pessoa heterodiegética⁶ – não integrante, como personagem, do universo diegético. Como podemos observar essa perspectiva no excerto, destacado à continuação, em que o narrador apresenta uma das personagens: “Quem primeiro viu a aproximação foi Anhana, que correu para o centro da aldeia com seus passos atabalhoados, gritando e acenando com os braços, em desespero.” (LEAL, 2012, p. 9). Trata-se, pois de uma voz enunciativa extradiegética – em terceira pessoa – a qual narra, a partir das experiências vividas e da perspectiva de três meninos indígenas, os acontecimentos ocorridos a eles quando uma expedição bandeirante destrói a tribo em que viviam com seus pais. Esse fato obriga-os a fugirem pela mata, sendo, depois, capturados e levados a um acampamento jesuíta para serem convertidos à religião cristã.

A literatura assinala que a conquista do território foi imposta pelos europeus pelo uso da violência, e quais os sentimentos experimentados pelos autóctones no momento da chegada de povos diferentes do que aqueles com os quais já tinham contato. Com tal alusão ao conflito e à superioridade de força que os colonizadores

⁴ Segundo o dicionário Tupi-Guarani, essa palavra significa “o esquecimento”. Disponível em: <http://biblioteca.funai.gov.br/media/pdf/Folheto43/FO-CX-43-2739-2000.pdf>. Acesso em: 02 mar. 2022.

⁵ Os níveis diegéticos, segundo Genette (s/d), são três, podendo uma narrativa ser: a) extradiegética, cujo narrador não participa da história que narra; b) intradiegética, que ocorre quando o narrador é, também, uma personagem da história narrada; c) metadiegética, quando ocorre de um narrador introduzir uma personagem que se torna narradora de outra história dentro da diegese. (GENETTE, s/d).

⁶ A pessoa do narrador divide-se em três tipos, podendo ser: a) heterodiegética, que, apesar de narrar a história, não faz parte dela; b) homodiegética, que, além de narrar a história, é uma personagem secundária que experiencia a diegese; c) autodiegética, quando o narrador relata suas próprias experiências dentro da diegese como personagem protagonista da história. (GENETTE, s/d).

possuíam, haja visto que os indígenas não possuíam armas de fogo, a ficção demonstra o expressado por Santiago (1978, p. 11):

Desde o século passado, os etnólogos, no desejo de desmistificar o discurso beneplácito dos historiadores, concordam em assinalar que a vitória do branco no Novo Mundo se deve menos a razões de caráter cultural, do que ao uso arbitrário da violência, do que à imposição brutal de uma ideologia, como atestaria a recorrência das palavras “escravo” e “animal” nos escritos dos portugueses e espanhóis. Expressões que configuram muito mais um ponto de vista dominador do que propriamente uma tradução do desejo de conhecer.

Com esses novos aportes da literatura que revelam a violência utilizada pelos colonizadores na dominação dos povos originários, compreende-se como esses conseguiram impor sua cultura como superior, sua religião como a única, extinguir a maioria das línguas indígenas e instituir seu modo de vida como o melhor. Assim, essa nova perspectiva aludida pela narrativa juvenil pode contribuir com o ensino crítico da história, uma vez que ela está ausente na maioria dos livros didáticos dessa disciplina⁷.

A partir da leitura dessa narrativa híbrida de história e ficção juvenil observamos a aproximação da obra com a teoria sobre o romance histórico contemporâneo de mediação, o qual faz parte do grupo de romances, segundo Fleck (2017, p. 21), que “está composto por aquelas produções que, pela ficção, enfrentam-se com o discurso hegemônico da história e buscam a desconstrução da verdade única e absoluta com a qual o passado foi registrado pela historiografia positivista.” Ademais, encontramos, ao longo de nossa leitura, a presença, nesse relato, das seis características comuns às obras dessa modalidade, apresentadas por Fleck (2017).

A primeira delas, que evidencia a constituição de uma releitura crítica e verossímil do passado, é construída no relato pela ficcionalização de personagens de extração histórica como os jesuítas, os quais, na diegese, são descritos pelos indígenas como “uma série de pajés, que se vestiam exatamente como o branco mais moço. Os brancos, ali, eram chamados de ‘jesuítas’.” (LEAL, 2012, p. 39). Essa congregação religiosa, segundo os anais da história tradicional, esteve ao lado dos colonizadores desde o início da invasão das terras brasileiras, sendo eles mesmos

⁷ No estado do Paraná o livro didático de história utilizado, nesse ano, para o ensino fundamental é a coleção *História sociedade & cidadania* de Alfredo Boulos Junior (2018).

expulsados dessas terras e do próprio reino de Portugal, pelo Marquês de Pombal, em 1759.

Outras personagens de extração histórica que aparecem na diegese são os bandeirantes⁸. No relato, esses são sujeitos brancos europeus que invadiram a tribo dos indígenas que são os protagonistas da diegese, dizimando grande parte deles, conforme explica a personagem responsável pela captura dos meninos quando fugiam da invasão da tribo. “Os bandeirantes, você quer dizer. São chamados de bandeirantes aqueles homens que invadiram sua aldeia. Não faço parte do grupo deles.” (LEAL, 2012, p. 19). Esse recurso escritural serve para conferir um tom de autenticidade aos eventos históricos narrados na diegese, no intuito de construção da verossimilhança com esses fatos que se encontram registrados pela história tradicional – bem como pelas narrativas inaugurais híbridas de história e ficção no âmbito infantil e juvenil no Brasil⁹ –, porém ressignificados na diegese de Leal (2012) a partir da ótica de personagens periféricos.

A segunda característica típica dos romances históricos contemporâneos de mediação que, também, está incorporada a essa narrativa híbrida de Leal (2012) é a que expressa que nessas obras opta-se por uma narrativa linear do evento histórico (FLECK, 2017, p.110). Isso ocorre no relato de Leal (2012), haja vista que a diegese apresenta um único eixo narrativo e segue a cronologia de acordo como a sequência lógica pela qual os acontecimentos foram se desenvolvendo. Essa opção narrativa é observável em *Os estrangeiros* (2012), também, pela organização da estrutura da obra em capítulos que indicam a sequencialização das ações narradas, sendo que o primeiro deles se intitula, “O ataque” – em que se narra a chegada dos bandeirantes na aldeia – e o último, de número quinze, “O retorno” – quando se narra a volta dos indígenas para sua terra de origem. Esse relato cronológico facilita a compreensão das ações narradas, por isso consideramos essa característica adequada ao leitor em formação, uma vez que as analepses e prolepses, as sobreposições de tempos

⁸ Os bandeirantes eram pessoas que, no início da colonização do Brasil, participavam das expedições desbravadoras pelo interior do país. Chamadas bandeiras, elas foram realizadas a partir do início do século XVII e por todo o século XVIII. Nessa época eram organizados dois tipos de expedições: as entradas, que eram expedições oficiais e começaram a ser feitas antes, no século XVI, e as bandeiras, que eram de iniciativa particular. Disponível em: <https://escola.britannica.com.br/artigo/bandeirante/483100>. Acesso em: 02 Mar. 2022.

⁹ No Brasil encontramos como obras inaugurais das escritas híbridas de história e ficção para jovens leitores, *O Gigante de botas* (1941) e *Coração de Onça* (1951) – ambas de Ofélia e Narbal Fontes, sendo elas de cunho apologético à história tradicional.

distintos ou outras anacronias exageradas, comuns nas escritas da época do *boom* da literatura latino-americana, tornavam a leitura das obras muito complexa para leitores não especializados em teoria literária e bastante avançados na formação leitora.

Outra característica que aproxima essa narrativa híbrida de história e ficção juvenil ao romance histórico contemporâneo de mediação é o foco narrativo centralizado em narradores cujos focos se voltam às personagens subalternizadas, subjugadas e, comumente, apagadas dos registros oficializados sobre o passado (FLECK, 2017, p. 111), ou seja, a voz enunciativa do discurso passa às personagens relegadas a planos insignificantes ou ausentes nos relatos oficiais ou está composta por uma perspectiva que os privilegia. Essa peculiaridade materializa-se na obra de Leal (2012) uma vez que, embora o narrador seja extradiegético, a diegese desenvolve-se pela adoção, por essa voz enunciativa, da ótica das vivências dos três meninos indígenas aprisionados nas reduções jesuíticas. Tais sujeitos não tiveram seus pontos de vista sobre os fatos da conquista das terras brasileiras pelos portugueses registrados pela historiografia tradicional. Essa voz, assim, enuncia:

Os curumins estavam proibidos de realizar seus rituais, cantar suas cantigas, comer suas comidas preferidas. Acordavam quando os brancos queriam, dormiam quando eles mandavam. Os olhos dos pajés, na Terra, e os terríveis olhos de Deus, no Céu, estavam constantemente sobre eles. Tinham que pedir desculpas e perdão por tudo e a todos. E, muitas vezes, sem que soubessem por que, recebiam castigos. (LEAL, 2012, p. 42).

Nesse excerto, observamos a inversão da perspectiva de narração dos fatos para uma visão de baixo, (SHARPE, 1992), aquela em consonância com os estudos historiográficos mais recentes que fazem parte da nova história, a qual vem demonstrar a importância da inserção das vozes dos diversos atores que participaram da construção do passado para que se consiga colocar em diálogo as distintas versões sobre os acontecimentos e, com isso, provocar significações. Ao apresentar a diegese a partir da perspectiva das vivências dessas personagens destituídas historicamente do poder de fala, o romance histórico contemporâneo de mediação apresenta-se como uma literatura engajada com a crítica à história tradicional de cunho eurocêntrico. Por isso, essa opção narrativa ficcional é válida como uma ação descolonial. Ela promove a conscientização dos leitores sobre o processo de subalternização sofrido pelo povo autóctone desde a colonização, e que permanece,

por meio do discurso de modernidade, civilidade, colocando o Europeu como superior ao povo latino-americano (GROSSFOGEL, 2006). As narrativas híbridas de história e ficção produzidas para jovens leitores, ao se alinhar com essas premissas, tornam-se, da mesma forma, vias de ressignificação do passado para os seus leitores-alvo.

Outro aspecto que vincula essa obra de Leal (2012) às características modulares do romance histórico contemporâneo de mediação é o uso que nela se faz da linguagem como via da construção discursiva e ideológica. A linguagem utilizada é amena, fluída e coloquial, uma linguagem simples e de uso cotidiano, em contraposição ao barroquismo e ao experimentalismo dos novos romances históricos e das metaficções historiográficas (FLECK, 2017, p. 111), como podemos observar no excerto: “Perto do meio-dia, contudo, para além de umas árvores altas, ouviu um burburinho. Aproximou-se e distinguiu claramente vozes humanas. [...] Seu coração saltou de imediato, pois imaginou que pertencessem à aldeia dos brancos e estivesse em seu encaicho.” (LEAL, 2012, p. 55). Observamos, assim, que as expressões lexicais utilizadas no relato se aproximam da linguagem cotidiana do leitor literário em formação e a construção frasal se dá na ordem direta.

Observamos, ainda, o emprego de estratégias escriturais bakhtinianas como a dialogia, tendo em vista que, na narrativa, ocorre o diálogo entre a voz do colonizador e do colonizado que se expressam em um mesmo espaço escritural. A voz do colonizador é materializada pelo narrador, ao explicitar os ensinamentos dos padres Jesuítas aos meninos, como podemos constatar no fragmento do relato a seguir exposto:

Ora, eles tentavam mostrar aos meninos de todas as maneiras que Tupã e os deuses todos não passavam de invenções maldosas dos pajés de suas aldeias. Na verdade, diziam, existia apenas um Deus, esse Deus se dividia em três – Pai, Filho e Espírito Santo – e a mãe de todos eles se chamava Maria. (LEAL, 2012, p. 40).

O espaço narrativo é, pois, palco do enfrentamento dialógico entre aspectos conflitantes de culturas em choque. Esse choque é revelado ao leitor pela perspectiva das protagonistas, sujeitos pertencentes às comunidades originárias de nossas terras.

A imposição da cultura europeia para os nativos, destacada nesse trecho, foi uma das características marcantes da colonização da América, uma vez que os nativos não foram respeitados em sua identidade e cultura, ao contrário, sofreram um processo de aculturação, tendo em vista que foram forçados, pelo uso da violência, a

abandonarem suas crenças. A respeito do choque de culturas ocorrido nesse período, Coutinho (2003, p. 43) detalha que

[...] calcados em duas figuras aparentemente dissímeis, mas marcadas no fundo por uma mesma atitude etnocêntrica, os atores desse período encararam os habitantes da nova terra, ou como idênticos a eles mesmos, projetando nos primeiros seus próprios valores, ou como diferentes, e conseqüentemente inferiores, justificando com isso, de uma maneira ou de outra, a sua subordinação.

As ideias de inferioridade racial e cultural, experienciadas pelos autóctones na chegada dos portugueses, visualiza-se na narrativa, também, quando as protagonistas decidem fugir do acampamento jesuíta e o irmão mais novo, Saru, não quer voltar à tribo com seus irmãos, porque depois de um longo tempo sendo ensinado na fé cristã acredita que isso é errado perante Deus. “Deus não quer que eu faça isto, Anhana. Seria errado – insistiu o outro.” (LEAL, 2012, p. 116). A literatura juvenil brasileira crítica revela a seus leitores, desse modo, a eficiência do sistema jesuítico na conversão e aculturação dos jovens habitantes originários das terras brasileiras. Esse fato tem, ainda, reflexos em toda a nossa sociedade hodierna. Sobre esse procedimento, podemos apontar, de acordo com Uslar Pietri (1990, p. 349), que,

[...] *por un absurdo y antihistórico concepto de pureza, los hispanoamericanos han tendido a mirar como una marca de inferioridad la condición de su mestizaje. Han llegado a creer que no hay otro mestizaje que el de la sangre y se han inhibido en buena parte para mirar y comprender lo más valioso y original de su propia condición.*¹⁰

Esse discurso de superioridade racial do branco e de sua cultura – cultivado pelo pensamento e toda a estrutura colonial –, fez com que os indígenas abandonassem muito de seus costumes e crenças e se enxergassem como inferiores aos Europeus, por isso aceitaram, por muito tempo, seguir o que esses determinavam. Esse forte traço de colonialidade, marcado pela questão étnico-racial acompanhou a história dos povos americanos por muitos séculos, chegando a se tornar ponto nefrágico em alguns momentos dos governos latino-americanos, com projetos de

¹⁰ Nossa tradução: Devido a um conceito absurdo e anti-histórico de pureza, os hispano-americanos viram a condição de sua miscigenação como uma marca de inferioridade. Eles passaram a acreditar que não há outra miscigenação além daquela do sangue e se inibiram, em grande parte, a olhar e a compreender aquilo que é mais valioso e original em sua própria condição. (USLAR PIETRI, 1990, p. 349).

branqueamento da população e outras ações em defesa da pureza de raça (branca de ascendência europeia). Desse modo, como afirma Uslar Pietri (1990, p. 345-346)

[...] sucesiva y hasta simultáneamente muchos hombres representativos de la América de lengua castellana y portuguesa creyeron ingenuamente, o pretendieron, ser lo que obviamente no eran ni podían ser [...]. Culturalmente no eran europeos, ni mucho menos podían ser indios o africanos.¹¹

Reminiscências desse fenômeno da busca pela identidade latino-americana alcançam a sociedade hodierna na qual a mestiçagem segue sendo, em muitos casos, um elemento discriminatório. No entanto, na contemporaneidade, diversos discursos alternativos têm surgido, sobretudo na literatura, a fim de recuperar traços identitários dos nativos e resgatar sua cultura, língua e crenças.

O dialogismo concretiza-se na obra com a apresentação de uma outra voz para se contrapor a essa do colonizador – impregnada nos documentos oficiais, nos discursos do poder, nos materiais didáticos de ensino de língua portuguesa e de história do Brasil e, muitas vezes, no imaginário popular –, a do colonizado, conforme observamos nesse excerto abaixo destacado:

Nauru, por sua vez, sempre precavido, suspeitava que por trás das palavras e atos dos brancos se escondia alguma armadilha. O que queriam? Por que tinham mais poder que os outros? Por que sempre a eles era dada a melhor comida, a melhor bebida? Por que se sentavam nos melhores lugares? Aquilo o indignava. Tinha plena certeza de que aquele não era o seu lugar. (LEAL, 2012, p. 43).

A tessitura discursiva de Leal (2012) evidencia que a voz periférica da personagem indígena se vale de questionamentos para lançar a dúvida sobre o discurso do colonizador e provocar, no leitor, inquietações, reflexões que podem levá-lo a ressignificar a história tradicional que lhe foi ensinada. Já a voz do colonizador, assim como da ciência historiográfica tradicional, que sempre se utilizou da construção discursiva para expressar uma verdade sobre o passado, apresenta um discurso assertivo, que desconhece a dúvida e a negativa, uma vez que tem o objetivo de convencer o leitor, pelo seu método de verificação das fontes, a aceitar, passivamente, aquilo que nela se expressa.

¹¹ Nossa tradução: [...] sucessiva e até simultaneamente muitos homens representativos da América de língua castelhana e portuguesa acreditaram ingenuamente, ou pretenderam, ser aquilo que obviamente não eram nem poderiam ser [...]. Culturalmente não eram europeus, nem muito menos poderiam ser índios ou africanos. (USLAR PIETRI, 1990, p. 345-346).

Desse modo, observamos como essas vozes alternativas, sobretudo no texto literário, podem contribuir à formação de um leitor consciente, pois o interpelam, o desafiam, o instigam a pensar, haja vista que o uso dessas estratégias escriturais, inerentes ao texto ficcional, faz com que o leitor participe, ativamente, na construção do significado do texto. Isso contribui, efetivamente, com o conhecimento de mundo do leitor e às novas iluminações que essas indagações podem suscitar a respeito dos eventos da colonização do Brasil, narrados na ficção.

As intertextualidades, nessa obra híbrida de história e ficção juvenil, integram o conjunto das relações implícitas que um texto pode estabelecer com os precedentes, ou, nas palavras de Genette (2010, p. 14), “a alusão, isto é, um enunciado cuja compreensão plena supõe a percepção de uma relação entre ele e um outro.” Embora, na superfície textual, não seja facilmente identificável a incorporação de escritas precedentes, a catequização das crianças indígenas pelos jesuítas é tema abordado tanto nas escritas historiográficas quando nas ficcionais. Desse modo, a diegese de *Os estrangeiros* (2012) propõe um diálogo com toda essa produção escritural e evidencia o que defende Kristevá (1974) que, na atualidade, todo o texto se constitui de um mosaico de outros textos.

A sexta característica apontada por Fleck (2017) como inerente à escrita do romance histórico contemporâneo de mediação que se faz presente, da mesma forma, no relato ficcional de Leal (2012), que a aproxima das prerrogativas críticas da modalidade do romance histórico estudada e instituída pelo pesquisador brasileiro, é a presença de recursos metaficcionais, ou seja, comentários ou questionamentos que se dirigem ao narratário em busca de uma aproximação que evidencie a natureza discursiva da obra. A utilização bastante esparsa desses recursos, nessa obra, tem o objetivo de problematizar a discursividade de algumas narrativas históricas tradicionais por meio de um diálogo da voz enunciativa com o narratário, que é, por vezes, questionado por essa voz, como se observa nesse fragmento. “Ora, se havia comida suficiente para todos, por que simplesmente não distribuí-la? Por que os brancos haviam inventado aquela história de ‘venda’, senão para manter toda a riqueza em suas mãos?” (LEAL, 2012, p. 95). Ao evidenciar distintas possibilidades de olhar para determinadas situações e questioná-las, o discurso ficcional revela as opções que o registro do passado oferece, evidenciando, desse modo, o caráter discursivo e ideológico dos registros sobre os acontecimentos já ocorridos em nossa história.

Ao se discutir, no relato ficcional, sobre a maneira que os brancos empregavam para obter alimento, tendo que o comprar com dinheiro, o narrador provoca, no leitor, uma reflexão sobre o modelo de sociedade capitalista que visa sempre ao acúmulo de bens e à manutenção dos produtos nas mãos de alguns. Atenta, ainda, para o fato de que a sociedade indígena era estruturada de modo diferente, pois se pensava no bem comum, já que a comida era distribuída a todos, de forma igualitária. Advém, a partir desses embates, a valorização da cultura dos nativos, pois se demonstra que esses tinham, também, uma forma organizada de vida, costumes e crenças cultivadas, que suas sociedades eram estruturadas sobre valores e concepções, porém com contornos distintos da europeia.

Outros questionamentos lançados pelo narrador, visam a evidenciar o medo que os indígenas tinham dos brancos que chegaram com suas armas e dizimaram boa parte da população nativa. Nesse excerto, destacado à continuação, o narrador descreve como a personagem autóctone prefere embrenhar-se na mata, correndo o risco de se encontrar com algum animal selvagem, do que ficar na posse de um homem branco.

E assim fez. Enquanto estivesse na mata, ao menos manteria distância dos homens brancos, pensou. Bem ou mal, ainda que não conhecesse os caminhos daqueles matos, acabaria por encontrar água ou comida. Havia sempre o risco de encontrar uma fera, um bicho selvagem. Mas seriam os bichos selvagens piores que os brancos? (LEAL, 2012, p. 54).

Essa mudança de perspectiva para apresentar vivências do período do encontro entre os habitantes originários de nossas terras e os colonizadores que dela se apossaram, revela ângulos do passado evitados pelo discurso historiográfico tradicional e, mesmo, do ensino comum de história nas escolas brasileiras. Assim, por meio do excerto citado acima, vemos como o autor do relato ficcional, mais uma vez, destaca a voz esquecida dos autóctones brasileiros no discurso da história tradicional. A ficção, assim, buscar revelar os sentimentos dos povos que já habitavam essas terras, suas impressões sobre esses estrangeiros que aqui chegaram, sentindo-se superiores e impondo sua cultura como se ela fosse melhor, e, por isso, a única que deveria ser seguida.

A leitura que realizamos de *Os estrangeiros* (2012), de Marconi Leal, possibilita-nos afirmar que essa narrativa híbrida de história e ficção juvenil possui um acentuado nível de criticidade – evidente no emprego das estratégias escriturais e dos recursos

narrativos –, aproximando essa obra do universo crítico/mediador dos romances histórico contemporâneos de mediação (FLECK, 2017) e dos princípios que norteiam a nova história. As narrativas híbridas de história e ficção do universo infantil e juvenil brasileiro que se alinham com as premissas do romance histórico contemporâneo de mediação são, portanto, leituras potenciais para a formação de um leitor consciente e podem contribuir, de modo relevante, à ampliação dos horizontes dos alunos junto aos materiais didáticos destinados para o ensino de história, adotados nos diferentes estados de nosso país.

Considerações finais

Ao longo do exposto, apontamos que o texto de Leal (2012), considerado por nós como uma narrativa híbrida de história e ficção do universo literário juvenil brasileiro contemporâneo, propõe um diálogo com o passado colonial brasileiro para ressignificá-lo a partir de seu teor crítico discursivo e das estratégias escriturais empregadas. Isto é, evidenciamos que a literatura híbrida para jovens leitores no Brasil apresenta um olhar descolonizador sobre a história tradicional.

Desse modo, entendemos que as narrativas híbridas de história e ficção infantil e juvenil brasileiras são, também, críticas/mediadoras, por se aproximarem das prerrogativas das escritas híbridas destinadas ao público adulto, que compõem a modalidade do romance histórico contemporâneo de mediação, estudada por Fleck (2017), cujas características foram identificadas, também, na tessitura de *Os estrangeiros* (2012). Essa produção híbrida de história e ficção, no âmbito das escritas para adultos – romances históricos –, já conta com um vasto campo teórico sobre sua natureza discursiva e organizacional. Contudo, no universo da literatura destinada a jovens leitores – crianças e juniores – os estudos sobre essa tendência escritural são raros e superficiais. Tais produções, entretanto, seja no âmbito da literatura para adultos ou para jovens leitores, vão ao encontro dos anseios de educadores comprometidos que buscam formar leitores conscientes já no contexto do Ensino Fundamental, leitores que buscam ampliar seu horizonte de expectativas por meio de leituras que se desvinculam das ideologias colonizadoras enraizadas em nossa sociedade.

O dialogismo presentes na obra de Leal (2012), entre outras estratégias escriturais, possibilita ao leitor ainda em estágio de formação, como estudante do

Ensino Fundamental, a se deparar com o confronto entre o discurso hegemônico do colonizador – sempre voltado à catequização e subjugação dos povos originários da América – e as vivências imaginativas, mas verossímeis, dos protagonistas configurados como sujeitos oriundos de uma das comunidades autóctones de nossas terras – que se debatem para sobreviver frente às ações de bandeirantes e catequizadores.

Além disso, constatamos que a obra de Leal (2012) se revela muito significativa para a formação do leitor literário consciente, visto que promove reflexões sobre a história hegemônica oficial, vista, muitas vezes, como única e “verdadeira”, em comparação com a narrativa ficcional de *Os estrangeiros*, que traz à tona as vivências dos povos subjugados. Desse modo, é possível, também, propor o ensino interdisciplinar de história e literatura, por meio do processo de leituras de obras híbridas de história e ficção infantis e juvenis, visto que ambas as disciplinas, já no Ensino Fundamental, propõem reflexões sobre discursos tecidos, enunciados e manipulados por outrem.

Verificamos, por fim, a necessidade de estudos mais aprofundados com relação às narrativas híbridas de história e ficção infantil e juvenil brasileiras. Esse é um campo que merece destaque, pois essa corrente literária possibilita que seu leitor – infantil ou juvenil – retorne ao passado e consiga ressignificá-lo.

Referências

BOULOS JÚNIOR, Alfredo. *História sociedade & cidadania: ensino fundamental: anos finais*. 4. ed. São Paulo: FTD, 2018.

COELHO, Nely Novaes. *Panorama histórico da literatura infantil/juvenil: das origens indo-europeias ao Brasil contemporâneo*. 5.ed. revisada e atualizada. Barueri, São Paulo: Manole, 2010.

FLECK, Gilmei Francisco. *O romance histórico contemporâneo de mediação: entre a tradição e o desconstrucionismo – releituras críticas da história pela ficção*. Curitiba: CRV, 2017.

GENETTE, Gérard. *Discurso da narrativa*. Tradução de Fernando Cabral Martins, Lisboa: veja universidade, s/d.

GENETTE, Gérard. *Palimpsestos; a literatura de segunda mão*. Extratos traduzidos do francês por Luciene Guimarães e Maria Antônia Ramos Coutinho. Cadernos do Departamento de Letras Vernáculas, Belo Horizonte: UFMG/Faculdade de Letras, 2005. 99 p. Extratos: capítulos 1, 2, 7, 40, 41, 45, 80.

GROSFOGUEL, Ramón. La descolonización de la economía política y los estudios postcoloniales: transmodernidad, pensamiento fronterizo y colonialidad global. *Tabula Rasa*, n. 4, enero-junio, 2006, p. 17-46.

LEAL, Marconi. *Os estrangeiros*. PNLD Literário. Ilustrações de Dave Santana. 2.ed. São Paulo: Editora 34, 2018.

SANTIAGO, Silviano. *Uma literatura nos trópicos: ensaios sobre dependência cultural*. São Paulo: Perspectiva; Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia do Estado de São Paulo, 1978.

SHARPE, Jim. A história vista de baixo. In. BURKE, Peter (org.). *A escrita da história: novas perspectivas*. Tradução Magda Lopes. São Paulo: UNESP, 1992, p. 39-62.

TURCHI, Maria Zaira; SILVA, Vera Maria Tietzmann. *Leitor formado, leitor em formação*. São Paulo: Cultura Acadêmica: ANEP, 2006.

USLAR PIETRI, Arturo. El mestizaje y el nuevo mundo. In: USLAR PIETRI, Arturo. *Cuarenta ensayos*. Caracas: Monte Avila Editores, 1990. p. 345-357.

KRISTEVA, Júlia. *Introdução à semanálise*. Tradução Lucia Helena França Ferraz. São Paulo: Perspectiva, 1974.